

381 Rp

O PENSAMENTO DE SALAZAR

À MEMÓRIA
DE DUARTE PACHECO

*PALAVRAS PROFERIDAS PELO SENHOR PROFESSOR
DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR, PRESIDENTE DO CONSELHO,
NA INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A DUARTE PACHECO,
EM LOULÉ, EM 15-11-1953 — X ANIVERSÁRIO DA SUA MORTE*

SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO
L I S B O A • 1 9 5 3

I. 36

381-Rp

381 R



O PENSAMENTO DE SALAZAR

À MEMÓRIA
DE DUARTE PACHECO

*PALAVRAS PROFERIDAS PELO SENHOR PROFESSOR
DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR, PRESIDENTE DO CONSELHO,
NA INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A DUARTE PACHECO,
EM LOULÉ, EM 15-11-1953 — X ANIVERSÁRIO DA SUA MORTE*



SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO
L I S B O A • 1 9 5 3

381-Rp

INCORPORAÇÃO

929

5. N. H.
36

Meus Senhores:

Eu não farei um discurso; peço apenas me seja permitido marcar a minha presença neste acto, simultâneamente de saudade, de exaltação e talvez mesmo de desagravo. No fundo, bem no fundo de mim, estimaria não ter de vir, mas pareceu-me que era ceder a uma espécie de covardia perante a dor, que me aconselhava a não reviver, em público e na dignidade de uma cerimónia oficial, sentimentos que me são familiares em horas de íntimo recolhimento.

Quando se tem vivido uma vida já longa, e, sobre longa, intensa, de trabalhos, de fadigas, de inquietações, até de sonhos, o caminho que percorremos fica ladeado de numerosas cruzes — as cruzes dos nossos mortos. E se essa vida foi sobretudo colaboração íntima, soma de esforços comuns, inteiro dom das qualidades nobres da alma, eles não ficam para trás: continuam caminhando a nosso lado, graves e doces como entes tutelares, purificados pelo sacrifício da vida, despídos da jaça da terra, sublimados na serenidade augusta da morte.

Na verdade há mortos que não morrem: desaparecem no seu invólucro terreno, na sua figuração humana, na fragilidade

e nos defeitos e nas limitações da carne; mas o espírito continua a brilhar como as estrelas que se apagaram no céu há cem mil anos, vincam-se mais na terra os sulcos que o seu exemplo abriu e parece até que os seus affectos não deixam de aquecer-nos o coração. Nem de outra forma se comprehenderia que a Providência suscitasse tantas vezes almas extraordinárias, cumes de beleza espiritual, e lhes não conceda mais que uma breve aparição, como vôo de asa que corta o céu, botão que murcha sem revelar ao sol da manhã a graça e o perfume da rosa. — Há mortos que não morrem, e nós todos que viemos de longe ou de perto, em saudosa peregrinação, somos os que testemunhamos que *este não morreu*.

*

* *

Não tenho excessiva simpatia pelos monumentos com que é de uso celebrar os feitos, as virtudes, a vida dos grandes homens. Correm em geral o risco de ser de mais ou de menos: de mais, quando a falta de perspectiva não permitiu proporcionar a estatura dos homens à importância real da sua influência nos acontecimentos; de menos, se a arte tem de confessar-se impotente para fixar na pedra ou no bronze aqueles dons que, pela sua riqueza exuberante ou pela infinita distância do espírito à matéria, se subtraem a toda a expressão plástica.

A questão não se punha aqui, porque, confiando à História definir e exaltar os méritos dos que a fizeram grande, o que se pretendia não era o monumento que glorificasse o homem, mas um sinal que exprimisse a gratidão de um povo. Na sua terra, no meio da sua gente, no recanto de uma praça tranquila,

ansiava-se por alguma coisa — fosse o que fosse — uma pedra, uma palavra que traduzissem com simplicidade: eis que este vive na memória e no coração dos Portugueses. Como eu felicito, por acto tão rico de significado, os municípios do País, directos representantes das populações por mil modos beneficiadas, e como agradeço ao Ministro das Obras Públicas ter animado a iniciativa, tomando-a carinhosamente nas mãos e acompanhando-a com desvelo até à sua materialização final!

Muitos artistas se empenharam em colaborar na memória com o apuro da sua arte e extremos de devoção desinteressada. Eles idearam a coluna que se levanta forte, como o próprio esforço da reconstrução nacional, e se interrompe, quebrada, na altura e no momento trágico em que a vida que a erguia, por demasiado tensa, se parte, abruptamente também. Baixos-relevos ilustram, como breve apontamento, esse trabalho ingente, variado, extenso, multiforme, como seria próprio do nosso maior edificador moderno da «cidade material». Se à minha falta de competência pode ser consentida palavra referente ao valor da obra, desejava exprimir o meu apreço aos artistas que a conceberam e se esmeraram em executá-la no seu tocante simbolismo, e louvores a todos os que, mesmo em tarefas modestas, foram chamados à sua realização.

*

* *

Meus senhores: creio ter dito o essencial do que se me impunha dizer, mas desejava acrescentar ainda algumas poucas palavras acerca daquele cuja presença invisível nos tem aqui

reunidos. Não é este o local nem o momento próprio para prestar, como prometi há dez anos na Assembleia Nacional, «perante a Nação que o perdeu e a História que orgulhosamente o recolheu em seu seio, o depoimento que lhes devo». Desculpar-se-me-á, por isso, que não vá agora além de ligeiríssimas notas.

Um homem como Duarte Pacheco pode ser justamente enaltecido através da massa de realizações materiais, e também, e sobretudo, pela escola que formou. Uma e outra coisa são de facto a sua obra, mas enquanto as realizações estavam na dependência do tempo e das circunstâncias, a escola que representa a capacidade realizadora para o futuro dependia apenas da riqueza da sua personalidade.

A obra material é imensa: em todos os sectores das obras públicas e das comunicações onde havia que reformar, reconstruir, empreender, abrir novos caminhos à actividade e progresso da Nação, para vencer atrasos, forçar actualizações, satisfazer necessidades crescentes, ele pôde delinear, rasgar caboucos, erguer construções, firmar princípios de orientação, com a largueza de horizontes que em raros homens se encontra. Como reformador, como edificador, o seu espírito impunha-se por essa maravilhosa aptidão do geral e do particular, das grandes linhas e do pequeno pormenor, da justa medida do presente e da antevisão do futuro. Podia ser uma inteligência luminosa e não homem de acção; podia ser um realizador e ter de pedir emprestadas a outrem as ideias, os princípios orientadores, os pontos de partida. Mas a rica compleição do seu espírito tudo lhe permitia — estudar, resolver, impulsionar, administrar, *fazer*: a passagem da ideia à acção era nele forçosa e parecia-lhe tão natural como ser um necessário complemento da outra.

À visão parcelar e desconexa dos factos ou dos problemas, que é a da generalidade dos espíritos, opunha-se em Duarte Pacheco a faculdade rara de lhes encontrar o nexó essencial, a necessidade quase física de tudo integrar no sistema de relações conveniente que havia de definir as soluções e os programas de trabalho. Cauteloso no estudo, quase o acharíamos lento, era na acção mais que dinâmico, vertiginoso, dilapidando as forças, vivendo e queimando a vida com afã, com pressa, com ânsia, como se previsse que esta ia faltar-lhe e o tempo não houvesse de chegar para o muito que tinha no ânimo fazer.

O que, depois dos seus poucos anos de governo, appareceu materialmente feito ou renovado à face da terra portuguesa — em monumentos, em hospitais, em escolas e edificios de toda a natureza, em aeroportos, em pontes, em estradas, em caminhos de ferro, em urbanização, em estádios, em habitações, em hidráulica agrícola, em exposições como essa esplendente Exposição do Mundo Português — constitui uma obra imensa que ficará marcando para sempre a largueza das concepções, o progresso técnico e artístico, a excelência dos sistemas jurídicos, a severidade dos princípios de administração. — Pois mesmo assim toda esta obra que engrandeceria um século se me afigura a mim não valer tanto para o País como a escola que deixou.

A selecção e preparação de numeroso pessoal, a coordenação de esforços oposta à dispersão dos homens e dos meios, o estudo sério contraposto à improvisação, a prévia definição de princípios, a exigência de planos, o optimismo da acção, o clima da altura e dos largos horizontes são, como força criadora e ambiente de trabalho, mais importantes que o que ficou feito — só porque foram a garantia da continuidade da obra: todos

os seus colaboradores se podem sem desdouro, com orgulho, considerar seus discípulos. E eu não penso diminuir ninguém dizendo que a este facto se deve não se terem notado afrouxamentos ou desvios na actividade desses departamentos, antes ter sido possível apresentarem um acervo de realizações sucessiva e notavelmente acrecido.

Duarte Pacheco não era um político na acepção corrente do termo, mas homem de governo estreme, como os permite um regime em que a governação tem podido ser quase tudo e a pequena política quase nada. Como se receasse as multidões, falava pouquíssimo em público (para ele a vida era acção): os seus discursos foram raros e curtos, quase só anotação de factos ou números que importava ter bem presentes no momento. Nas suas declarações públicas difficilmente se encontrará traço ou afirmação acerca da política geral ou de assuntos estranhos ao seu sector da administração, mas isto não quer dizer que não prosseguisse um ideal.

Em dias e noites de trabalho, árduo, esgotante, apesar do prazer espiritual que me dava, debruçados sobre planos, projectos, problemas a esclarecer, ideias a aprofundar, soluções possíveis, sucessos e fracassos, largas vias abertas ou caminhos a abandonar, o que em cada momento podia surpreender no seu esforço era a preocupação de semear progressos, criar meios de trabalho, desenvolver as regiões mais desfavorecidas, facilitar e embelezar a vida rude das populações. E nunca falava no povo — para não o diminuir como plebe e poder servi-lo como Nação.

Depois que a morte submergiu os seus defeitos e deliu as naturais asperezas de uma compleição forte, agora que melhores perspectivas permitem a todos admirar a real grandeza da obra

e do artífice, já não se podem invocar ofensas e muito menos se entende que fosse necessário o desagravo. Todavia a tristeza destes tempos em que a mesma evidência pode ser negada, impõe-nos que seja este um dos significados da nossa peregrinação.

*

* *

Não desejava terminar sem uma palavra especialmente dirigida a esta boa gente.

Apesar do apoio do Estado e da contribuição dos outros concelhos, a Câmara teve de fazer um esforço sério que importará para todos alguns sacrifícios, a fim de se preparar condignamente o local e erguer-se esta memória. Longe do meu pensamento censurá-la pelo rasgo, pois considero acto sobre todos louvável de educação cívica render por esta forma justa a um conterrâneo que pode ser apresentado como o exemplo do desinteresse mais puro, do sacrifício da vida mais completo, da mais alta noção de servir. E não estejais tristes hoje, porque, se Portugal se encontra aqui em comunhão de espírito connosco a celebrar, embora entre as névoas da saudade, a glória de um português, esse português é um dos vossos, é o maior e mais ilustre filho da vossa terra.

1328

EDIÇÕES

S·N·I

LISBOA

NB



EF0808516417

S.N